

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Concelho de Vizela

E Guimarães continua a dormir! Levaram-lhe o regimento, e quase que nem tugi nem mugiu. Deixou que numa acta municipal, donde só verdades deviam constar, alguém mandasse escrever que, tendo ido a Lisboa para pedir que o regimento não saísse, tinha conseguido mudos e fundos. Toda a gente sabe, porém, que esses mundos e fundos já estavam destinados para Guimarães, antes da ida a Lisboa desse grande e heroico patriota, a quem certa imprensa local dedica emocionantes ditirambos.

Toda a gente sabe, até, que, afinal, não foram esses mundos e fundos que vieram, mas outros muito diferentes, conforme aprouve a quem manda e não se importa do tal patriota para coisa alguma.

Talvez porque daqui tivessemos acicatado com energia o brio entorpecido desta terra, uma meia dúzia de vimaranenses quis reagir e foi de longada até Lisboa, cheia de dulcíssimas ilusões e da mais comovente das ingenuidades. Almas inocentes e candidas que, ternamente, se deixaram comer e agora vão fazer tremer Troia ressuscitando o "Pro Vimarane". Como se fosse por falta de imprensa local que as desgraças estejam caindo sobre Guimarães!

Não é de jornais que precisamos: os que há, sejam republicanos ou sejam monárquicos, todos defendem, com amor e sinceridade, os interesses desta terra. As colunas de todos eles estão abertas e ao dispor de quem as queira aproveitar para barricada de defesa ou ataque em prol de Guimarães.

Do que precisamos é de acção; é de energia, brio e patriotismo.

E' o que nos falta. Vejam o que se passa acerca da projectada criação do concelho de Vizela.

Desde há bastantes anos que certos vizelenses anseiam por um concelho. Nenhuma vantagem resultará para Vizela, da satisfação de tão disparatado desejo. Pelo contrário, é facilissimo demonstrar que Vizela, constituída em concelho, será imensamente prejudicada. Os povos das freguesias que o constituírem terão de pagar muito

mais para fazer face ás despesas das novas repartições publicas e respectivo pessoal. E, pagando o máximo, tudo será pouco só para essas despesas e outras muitas como por exemplo a de viação, a que os concelhos são obrigados.

A sciencia o dis e a pratica o demonstra: os pequenos concelhos, e Vizela nunca poderia deixar de ser um pequeno concelho, não progridem: e todavia, os seus municipes são os que pagam maiores contribuições.

Se há quem duvide, não necessita de fazer grandes viagens para o verificar pessoalmente.

Porventura a povoação de Vizela teria as comodidades de que hoje disfruta, teria chegado ao estado actual de progresso, se não pertencesse ao concelho de Guimarães?

As pequenas povoações tudo teem a lucrar em estar ligadas a grandes concelhos. Reparemos nas Taipas, para obtermos um exemplo da actualidade. Se as Taipas fossem um concelho, onde é que iriam pelas centenas de contos que ultimamente ali se teem gasto para agua e aforoseamento?

Façam a conta os contribuintes das freguesias que viriam a constituir o concelho de Vizela, áquilo que teem pago até hoje; descontem o que dessa importancia teria de sair para instalação de repartições, pessoal e material, conservação e reparação de ruas e caminhos, instrução primaria e mil alcavalas mais que o Estado obriga a pagar e vejam se fica alguma coisa que chegue para fazer face á centesima parte dos beneficios que de Guimarães teem recebido!

São vaidosos ou ignorantes aqueles que tentam iludir os povos das aldeias, pedindo-lhes a sua adesão para a criação do concelho. Tola vaidade de quem, sem isso, nunca chegará a ser vereador, administrador ou regedor, triste ignorancia de que resultará o estiolamento de uma tão linda povoação!

Mas, a verdade é que se trabalha afanosamente para a criação do concelho de Vizela. E na hora que passa, em que até concelhos de uma só freguesia e com menos de 4.000 habitantes se teem criado, é de recear que mais essa derrocada venha sobre nós.

E que faz Guimarães e que faz o "Pro Vimarane"? Porventura já alguém protestou junto do Governo, como já o fiseram os de Felgueiras, a propósito de Vizela, como o teem

feito todas as terras que se teem visto ameaçadas com outras mutilações desta natureza?

Por ventura já alguém terá ido, por essas freguesias fora, abrir os olhos aos seus habitantes, mostrar-lhe o irremediavel erro que cometem assinando os papelinhos com que os ludibriam?

Não, nada se tem feito. Guimarães dorme, Guimarães continua a dormir.

E' certo que o progresso da cidade nada tem a perder com a criação do concelho de Vizela. A cidade tem ficado sempre para traz, tem sido sempre sacrificada a favor das restantes povoações do concelho. Mas não é, e felismente, por esse insolito egoismo, que Guimarães dorme. Vizela é Guimarães; pode-nos ficar cara mas é nossa, faz parte deste todo e temo que a envolver no mesmo manto de carinho e amor que votamos por toda a nossa terra. Arranca-la de nós é inutilizarem-nos: é uma parte do nosso ser que se separa. Não há vantagens materiais que possam compensar a dor que tal nos causaria.

Assim o sentem, com certeza, todos os vimaranenses.

Mas, onde estão eles que ninguém os vê?

Notas de um curioso

Tinha hoje muito que contar aos meus queridos leitores, mas como nem tudo o que se sabe e ouve se deve dizer e nem pode mesmo muitas vezes, vou limitar-me a pouco.

Não sei se teem visto, mas creio bem que sim, uma individualidade assaz conhecida pela sua propaganda dissolvente, que na traulitania se tornou tristemente celebre, correndo açudada por essas ruas além dirigindo amabilidades aos senhores vereadores da Comissão Administrativa do Municipio, enfileirado junto deles como se procurasse convertê-los ao seu credo politico. Até parecia que se tratava de movimento revolucionário; mas não. O illustre protagonista desta scena tratava muito habilmente de levar a agua ao seu moinho, com a pretensão de lhe ser pago um terreno que há muitos anos, ainda na posse do seu anterior proprietário, era, e continua a ser logradouro publico.

Já em vereações anteriores a tentativa foi feita muitas vezes, com irrisórias promessas de pretensa influencia politica; mas como tôdos aqueles a quem então cabia a responsabilidade dos dinheiros e haveres do Municipio, tinham conhecimento da lei do Paiz que determina que tôdos os terrenos situados a dentro de barreiras de povoação, que até determinada data não fossem devida-

mente mudados, passavam a considerar-se de permanente logradouro publico, o resultado foi im-proficuo.

E, claro que daí resultou uma campanha de difamações resultantes para quem as propala e de que só uma criatura daquele jaez é capaz. Mas nem tôda a gente pensa de igual maneira e o interessado não desiste com facilidade da sua pretensão.

E assim tanto teimou e tanta coisa fez que conseguiu da actual comissão administrativa da Camara que o tal terreno lhe seja pago, sem mais formalidades de que as de um contrato particular. E certamente, êle não se há-de esquecer de apresentar uma boa conta.

Não pasmem os queridos leitores, porque certamente ainda teremos muito que vêr neste género.

Desta vez felizmente, ainda houve na sessão um vereador consciencioso que registou a proposta e êsse deve merecer a simpatia dos vimaranenses que se empenham pelo bem da sua terra e não vivem de favoritismo, contos e mexeriquices.

Grande manifestação Democrática

A propósito de um artigo publicado pelo «Ecos de Guimarães», sob esta epigrafe, pedem-nos a publicação do seguinte:

«A referencia feita pelo informador de Covas para o «Ecos» sob o titulo «Grande manifestação Democrática» é revoltante pela sua falta de fundamento e por ter por fim sómente ridicularisar e rebaixar, o que não consegue.

Era melhor o autor de tal local dizer, quando se dispoz a relatar o caso, que o fazia para vomitar a ira, que lhe ficou quando ouviu os vivas á republica, de que não gosta, e não impiegrir a uma gazeta um chorrilho de noticias tão felas e alarmantes, fabricadas a seu talante, e que estão muito longe de representar a verdade.

Estava o informador por certo, com appetite de escoucear a Republica, e daí o atirar-se assim com unhas e dentes ao povo republicano.

Seja mais prudente, pois; menos frenetico e tenha mais calma, e espere; espere sempre, sempre resignada e confiadamente, pelo dia em que possa ouvir, não os nossos vivas que tanto mal lhe fizeram, mas os que forem soltados pelas boquinhas escancaradas de rebanhos da sua grei que o animem, deleitem e consolem... E olhe que eles, no seu entender, não tardam; até já lhe perpassam pela sua imaginação no meio de illusões fantasmagoricas, a cantar hossanas á lua, aquela lua... que lhe falta.....

E para futuro, para não causar estranheza a quem ler as suas produções, deve ter o cuidado de as subscrever com as seguintes palavras — Um mentiroso.»

Requerimento

Não sabemos se o antigo direito de petição, garantido naqueles idos tempos em que haveria Constituições e Cartas, ainda subsiste.

Estamos, porém, na intenção de dirigir a quem competir, o seguinte requerimento:

A «Velha Guarda» é um modesto semanário da provincia, incapaz, pelas boas intenções que o animam, pela insignificancia da sua força, de fazer vacilar quanto mais baquear um governo forte como aquele que, felizmente, dispõe agora, dos nossos destinos.

Sabe, também, esta gazeta, porque a experiencia o tem demonstrado, que a censura prévia á imprensa é providencia indispensavel a todos os governos que teem a fortalecê-los a unanimidade da opinião publica.

Quando uma nação inteira consegue, enfim, o governo que substancia as suas mais nobres aspirações, que tem a apoia-lo a força das armas e o aplauso do povo, que se sente inabalavel nas suas posições do poder, legitima e nobremente atingidas, com a Ordem assegurada nas ruas e nas consciencias, a censura á imprensa é indispensavel. Isto é um axioma que toda a gente compreende, que se impõe aos mais ignorantes e menos inteligentes.

Não podia a «Velha Guarda» ignorá lo.

E porque assim é, a «Velha Guarda» acata a censura com aquela veneração que é devida a todas as instituições que tenham por fim o progresso e a tranquillidade da Patria.

Não é porque nós, aqui em Guimarães, estamos mal servidos. Só temos que prestar a nossa homenagem á actual e illustrissima Comissão de Censura e muito folgamos por se nos deparar este ensejo de lhe manifestarmos o nosso muito respeito.

E, pedindo com tão bons modos, esperamos ser atendidos.

As Tabernas

Do iasuspeito «Ecos de Guimarães», transcrevem o seguinte período de um artigo em que, com toda a razão, se queixa das immoralidades que se notam no Largo 13 de Fevereiro e outros pontos da cidade:

«Se as tabernas fechassem às horas que as autoridades transactas ordenaram, já não haveria tanto motivo para reclamações, mas as transigências contribuem muito para que cada qual vá fazendo o que lhe der na real gana.»

As autoridades transactas eram as do Partido Republicano Português.

Com a sua atitude, com certeza haviam de suportar muitos dissabores, pois, porventura, iria ferir interesses de correligionários ou desagradar aqueles que pelos taberneiros se interessassem.

Mas, apesar de políticos, cumpriram o seu dever.

Agora não há políticos, mas há transigências, todas as que detem na real gana, como diz o «Ecos».

Curso Commercial

A Censura, que nos obrigou a suspender a publicação, não deixou que, em ocasião mais oportuna, chamássemos a atenção dos nossos leitores para o utilissimo curso commercial que está funcionando na nossa antiga Escola Industrial.

A criação desse curso veio satisfazer uma necessidade das mais instantes neste meio, onde o commercio tem uma extraordinária importância. Veio ainda também proporcionar a numerosa população da cidade, a maneira fácil e economica de dar aos seus filhos a instrução necessária para que, na carreira do commercio a que quasi todos se destinam, possam competir com a concorrência, que é hoje enorme.

Já lá vai longe o tempo em que as empresas commerciaes admitiam o antigo marçano sem gravata, que mal sabia escrever o nome e quasi desconhecia a taboada. Hoje tudo está mudado: as exigências são muitas e, ou os pais tem que desistir de ver os seus filhos colocados no commercio, ou tem que lhes dar uma instrução completa que os habilite para esse modo de vida, o que, até aqui, para muitos se tornava impossivel, por falta de posses para pagamento de propinas e sua sustentação fora da casa e em terras estranhas.

A criação do curso commercial tudo veio remediar.

Não houve música nem foguetes quando se publicou o respectivo decreto, mas ninguém pode duvidar de que esse beneficio trouxe enormes vantagens para Guimarães.

Ainda não está bem aproveitado, porque dele se não tem feito a indispensavel propaganda, e ainda estamos no principio do segundo anno do seu funcionamento. Mas há-de vir a ser, com certeza, o curso mais frequentado e mais preferido de todos quantos nesta terra funcionam.

Ao commercio se destina, e com razão, a maior parte de todas as nossas gerações; a classe média da sociedade não tem outro futuro que melhores esperanças lhe possa dar. Todos, pois, terão de passar pelo curso commercial da nossa Escola de que hoje nos limitamos a dar o respectivo plano, que é o seguinte.

1.º ano

- Língua pátria
- Língua franceza
- Aritmética commercial e geometria elementar
- Geografia commercial, vias de comunicação e transportes
- Caligrafia (trabalhos práticos)

2.º ano

- Língua pátria
- Língua franceza
- Língua inglesa
- Aritmética commercial e geometria elementar
- Geografia commercial, vias de comunicação e transportes
- Noções gerais de commercio
- Caligrafia (trabalhos práticos)

3.º ano

- Língua pátria
- Língua franceza
- Língua inglesa
- História pátria geral
- Escrituração e contabilidade commercial
- Elementos de fisica e química e história natural
- Estenografia (trabalhos práticos)
- Dactilografia (trabalhos práticos)

4.º ano

- Língua pátria
 - Língua franceza
 - Língua inglesa
 - Elementos de direito commercial e economia politica
 - Escrituração e contabilidade commercial
 - Noções de tecnologia e mercadorias
 - Estenografia (trabalhos práticos)
 - Dactilografia (trabalhos práticos)
- No próximo numero publicaremos uma súmula dos programas destas disciplinas.

Interrogando os botões

Um colega nosso lembrou-se de nos mandar a todos interrogar os botões a fim de acreditarmos que alguém, em cujo nome, pelo respeito que merecem os mortos, tão cedo, pelo menos, se não devia falar, só deseja tornar próspera a cidade e concelho de Guimarães.

Cá estamos obedecendo ao convite. Mas, os botões também continuam mudos e quedos. E, porque, naturalmente, assim são capazes de ficar, porque não nos ajuda o colega, pondo cá para fora em pratos limpos, os tais serviços prestados a cidade, que, — ingratos que somos! — tão depressa esquecemos?

Cite-os, embora não tenha a carta, porque mais valem os factos do que as lérias. E não seremos nós quem regatear a louvores que merecer aquele a quem, segundo as suas afirmações, officiosamente defende.

Segundo nos consta...

Propalam por aí aos quatro ventos que, segundo informes de obscura origem, se vai apropriar o edificio da nossa Escola Industrial para habitação das mueres do grupo de metralhadoras aqui destacados ultimamente.

E' talvez mais um dito por não dito que a insistencia boateira corrobora naquelle desperdício de palavras já por nós tão conhecido. No entanto, dada a circumstancia de haver um fundo de verdade nessa corrente palavresca, vamos relembrar certos factos aos quaes parecem desconhece-los.

Ha já algumas dezenas de anos que as indústrias vimaranenses pugnavam por uma casa justamente adaptavel aos fins educativos da juventude trabalhadora. Essas indústrias, após longas demarches, conseguiram, por intermédio de pessoas affectas a este ramo de ensino, que o desejado prédio fosse construido num lugar assás independente, satisfazendo em conforto todas as exigências duma boa Escola industrial.

Alojou-se ali portanto o referido Estabelecimento e, dada a casualidade de a Direcção Escolar haver cedido temporariamente o edificio ao Regimento de Infanta-

ria 20, a quando do seu numero-so recrutamento, não quiz isto dizer que prescindisse dele, tanto mais que o readquiriu na primeira ocasião que houve por oportuna. Agora, que uma instalação honrosa se vai montando em todas as secções, surge mais um empecilho com ares pavorosos.

Será verdade? Não será? Eis o que instinctivamente preguntamos a nós mesmos. E a voz do povo, que em algures bebeu essa noticia, obstina-se em repetir que sim, que é verdade. Que a Escola mudará para qualquer outro prédio. Que ali não ficam mal as alimárias.

«Vox populi, vox Dei» diz o velho rirão. E nós, a falar com franqueza, não deixamos de crer um pouquinho do muito que se diz. Há realmente o que quer que seja de original nesta prolação. Assim, desde já levantamos o nosso protesto a fim de que tal crime se não pratique. Protestamos como vimaranenses e como defensores duma das nossas mais respeitaveis instituições. Aquelle edificio foi construido para uso exclusivo da boa instrução e não, como é sabido, para agasalho de mueres. Seria mesmo um sarcasmo desalojar estudantes para alojar quadrupedes. Querem um alvitte? Construam provisoriamente um barraco e fica assim solucionado o conflicto, que será inevitavel se acaso succeder tamanha iniquidade. Porque há mais onde escolher, muito embora appareçam bacalhoeiros com intaitos pouco honestos a dizer que sim senhor, que ali não ficam mal as alimárias. Mas essas alimárias, a nós ver, teriam melhor alojamento nas casas desses opintosos. Porque as não cedem hospitaleiramente os aludidos cavalleiros?

Se o fizerem até serão premiados pela Sociedade Protectora dos animais. Vem isto a propósito de mostrar, aos bons vimaranenses que nos leem, a negligencia duns, que secretamente desejam o nosso desmerecimento, caminhando em paralelo com outros — amigos dos seus amigos por dever do officio.

Não há em todo o concelho um único vimaranense que, sentindo a referir no peito a veemência eloquente do bairrismo, concorde ou aplauda semelhante disparate. Para todos é notório a necessidade dum bom funcionamento em Escolas Técnicas. Depois, quando e como seria feita a montagem dos nossos mecanismos, facto este que é provavel seja consumado em breve? Ora, já vêem que é sempre um disparate pensar em dar Escolas a mueres. Apre! Que susto! Não devem faltar por esses arrabaldes logares mais convidativos. Não é crível de mais a mais que os referidos animais sintam relutancia em ficar numa mais condigna casa de pasto ou penão. Mas numa Escola!!!

E' justo que estas criaturinhas se habituem a medir attentivamente o alcance de indeterminadas resoluções. Porque esta Escola devia fruit-lhes uma outra atenção, bem diversa da que parecem dispensar-lhe. Quem perde vulgarmente nestas quisilias são os alunos que este ano fazem um lindo numero de matriculados. Mudança em pleno anno lectivo não é muito eficaz — nem sequer recommendada as caixas craneanas dos entendidos. Isto é claro e simples como o Credo. Não ha que duvidar; a bem dizer, ninguém duvida. Todos sabem quam selvagem seria a transformação dum estabelecimento de instrução numa cavalariça. Dito isto, façam o que muito bem lhes aprouver na certeza de que, até ás permissões da lei censuista, será terminantemente energico o protesto da nossa pena. Não será tão fácil e impunemente que um acto de méra arbitrariedade terá rigorosa duração. Nós tomaremos incondicionalmente o partido da ins-

trução. Porque nos doi ver já o sintoma de outra perda para Guimarães — dizemos para o asseio vimaranense. Duvidamos, contudo, que chegue ao rubro esta questúncula. Não somos tão mesquinhos que neguemos, a quem tudo manda, a capacidade dum acto justo sobre uma instituição que nenhuma culpa tem quando a desdenhosa cubica a procura para perturbar-lhe o labor de cada dia. Entretanto, aguardamos os acontecimentos. E rija deve ser a indignação se a tanto nos oprimem. Acham sempre os atigidos a maneira conclusente de atigir. A defeza é justa e (nem isto é ameaçar!) usaremos dos meios mais adequados a nossa dignidade para verberar «alto e a bom som» o quanto é cancerosa essa imposição. Se for verdade!!!

O rapto da castelã

A gemebunda lira se animara a prantejar solidades. O plectro nervoso de Bermudo tremicava num frenético alvoroço arrancando-lhe os sons abafadiços que ora violentos semelhavam gritos, ora exaustivos carpiam na boémia da harmonia.

Selima, a bela huri, postara-se a ouvi-la por lazer num dos patios laterais daquella Castélo. Era este um vetusto padrão da gente moira que ficava abançado em um dos penhascos socacos de montanha. Zulei Abdalah fizera ali o seu harem e, cruento por instincto, andava ceifando vidas na briosa cristandade. Na vigília do castelo fervilhavam atalajas; e doiravam-lhe as ameias os primeiros raios do sol sempre que este irrompia das névens.

Zulei imperava por ali. Selima era sua filha, dilecto rebento que de todo contrastava com a feroz intolerancia de seu pai.

Sentada como estava a recrear-se, no ócio efusivo da sua juventude, mais parecia uma diva impoluta de outros astros que a grácil vergantea de Zulei. Cercavam-na as escravas que, em tamborêtes sentadas, tangiam timbales recôncavos e faziam sulfejar as cítaras numa apoteóse. Os escravos embocavam velhos anfans. Mas Bermudo, o godo escravo, tinha um realce ostensivo com a fácil magia do seu captiveiro. Em volta as odaliscas serpeavam requebrantes no dançarino festim daquela tarde. Os negros olhos de Selima pareciam divisar atavez dum prisma lisongeiro o fulgor diamantino de outros sois. Pensativa, insatisfeita, na pachorra indolente que nefasta se atreigava em si, boiava-lhe o espirito num turbilhão, de vagas esperanças, que ora acalma, ora atormenta. A lira, a soluçar em frémitos gementes feria-lhe os ouvidos; e se atentava em Bermudo, podia ver-lhe os olhos lampear. Isto mesmo a intrigava; fragilima e bondosa dava pousada ás mais leves emoções.

—Basta de escarceu! enfática ululou. Subito cessara o alvoroço, instrumentos á banda e odaliscas surpresas na quebra voluptuosa dos quadris. Bermudo porém, absorto em máguas que expandia, continuou vibrando rijos golpes nas cordas sensíveis da sua lira.

—Daixai-me com Bermudo! tornou Selima.

E desapareceu aquella gente por todos os recessos do castelo.

A sós com o escravo, sem a grita da moiresca criadagem, pareceu respirar outro ar que em vagas aromaticas entrava pelas jánelitas do seu casto. Ficou longos momentos na muda contemplação de quem receia. Lá fora sussurrava o vento mansamente na orgia calmosa da estação. E o arpear melo-dramático quasi se extinguia na lira de Bermudo; até se ouvia já rumorejar num lago de de gra-

nito o cristalino gotejar duma fonte avelhentada.

—Bermudo! disse nervosa.

E o escravo pousou a lira. Levou uma das mãos á frente como que exausto para cravar na filha de Zulei o lampear atroz do seu olhar.

—Bermudo está ouvindo—disse êle.

—Porque me olhas assim? Fúria de Allah! Dir-se-hia que um instinto malfasejo te incita á irreverencia! De ha dias que eu a furto te surpreendo nos olhos uma voragem sinistra.

—Ilusão, senhora! Vêde bem o meu olhar, lêde-o fundo, que o pretenso sinistro assenta numa meiga amplitude.

—Um segrêdo talvez...

Um segrêdo que ora, rogo mo poupeis.

Selima emudeceu. Bermudo tomou folgo.

—Ms dize-me, Bermudo, o teu segrêdo! tornou apreensiva a feiticeira crente de Mafôma. Eu não sou uma faraó, mas deixa-me inquieta a toa reserva.

—Por favor, senhora!

—Não cedo.

—Pois bem, mandai-me azorregar que eu nada vos direi.

—E's de orgulhosa raça, vil escravo! disse humilhada.

—Das raças dos nobres godos.

—Uns devassos...

—Uns heróis...

—Que curvam as cabeças infieis ao jugo redemptor de Mafamede.

—Assim o creis.

—Assim o vejo.

—Os alfanges serão quebrados e os turbaentes empoados não-de ser rôtos na gloriosa data do extermínio.

Selima desatou a gargalhar perdidamente.

—Fazes-me rir, Bermudo. E' esse o teu segrêdo?

—Oxalá o fosse.

De súbito se ouvira intempestivo o tropel acidentado de numerosa cavalgada. Acorreu a uma jánela a filha inocente de Zulei, melênas esparsas em ondas negtejantes pela brisa sussurante.

—Meu pai!

—Vem de matar cristãos inofensivos pelos agrestes montados deste logar! rosouo Bermudo.

Era Zulei Abdallah um moiro carrancado de abrutalhada forma. As barbas hirsutas chegavam-lhe á cintura.

Quando em presença da filha se postou um outro moiro lhe fazia companhia. Era um cavalleiro agigantado que tinha nas veias sangue do Profeta.

—Selima, minha filha—rebombou Zulei—és noiva do emir Al Moluk, aguerrido cavalleiro que ha tocado com o alfange no zo-roastro da glória. Ei-lo, eu to apresento... E indicava-lhe o companheiro. Bermudo deixou escapar um grito. Pelas faces da jovem perpassou como que uma nuvem negra ensombrando-lhe o semblante.

Al Moluk começou num aranzel disparatando a Selima verdadeiras homenagens de guerreiro.

—O' tu —disse ao captivo o rude matador—vai-te daqui.

—Pai, deixa estar Bermudo! interveio ela.

—Mas ele ganiu ha pouco—tornou Zulei.

—E' um pèrro! acrescentou Al Moluk.

(Continua).

MOBILIA

Vende-se diferente mobilia, incluindo a de sala de jantar. Para ver e tratar no Cano (Casa de Travassos).